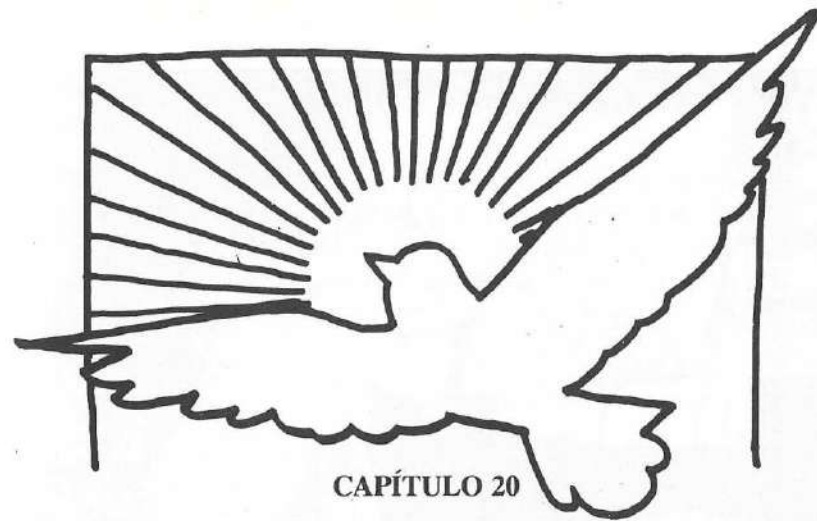


3 - *Babunha* – Assim era chamada, na intimidade, a avó materna Verônica Lomotov, desencarnada em São Paulo, a 31/10/1968. Babunha em russo significa vovozinha.

4 - *Matrona Paly Diegues* – Na mensagem, ela assina também *Matrona Marta*, pois foi “rebatizada” pela sogra com esse outro nome, considerado mais adequado no Brasil. Era descendente direta de russos, e naquele país o seu nome original é popular. D<sup>a</sup> Matrona lia sempre *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec.

5 - *Irmã Encarnação* – Freira do Colégio Salesiano, de Lucélia, onde D<sup>a</sup> Matrona estudou.



## CAPÍTULO 20

### VOZES PREMONITÓRIAS

A família de Celestino Pampolin Beira estava prestes a mudar-se de Monte Aprazível, SP, para Porto Velho, RO.

Um dos filhos, Antônio João, de 16 anos de idade, vivava, entusiasmadíssimo, com essa transferência. Na Capital rondoniana, que já conhecia, iria cursar o Colegial e trabalhar de técnico de som, a mesma tarefa que desempenhava na Rádio Difusora de Monte Aprazível. Tudo parecia favorável, pois lá, o progenitor possuía uma Loja de Autopeças e cultivava várias amizades, sendo que um dos amigos havia oferecido sua residência para passarem o fim do ano juntos, até se acomodarem melhor na nova cidade.

Nesse clima de muita alegria, uma semana antes da mudança, que seria de automóvel, surgiu um amigo que estava de partida, em seu caminhão, para Porto Velho. E, Antônio João, com a autorização de seus pais, preferiu a “aventura”, seguindo antes dos familiares, pela primeira vez viajando de caminhão.

Na longa viagem, ao descer a Serra de S. Vicente,



Antônio João Beira, aos 15 anos, em sua festa de formatura, quando concluiu a 8ª série. Ao seu lado, seus pais, vendo-se também a irmãzinha Gessi Cristina e a Diretora da Escola, D<sup>ª</sup> Lúcia Perezi.

próximo de Cuiabá, MT, o veículo colidiu violentamente com a traseira de outro caminhão, no lado em que estava o jovem, único atingido no acidente, com lesões graves que o levaram à desencarnação no próprio local. Eram 14:30 horas do dia 12 de dezembro de 1985.

\*

A carta mediúnica de Antônio João, psicografada em 11 de abril de 1987, trouxe muito consolo à família, destacando-se, dentre outros esclarecimentos, a informação de que ele foi preparado espiritualmente para a inesperada provação. Uma “voz íntima”, intuitiva, a princípio, e depois uma “voz que se fez tão viva” alertou-lhe que “o caminho seria a meta final” para ele.

Observa-se que tudo obedeceu a uma programação superior. A mudança de cidade, que até hoje não se concretizou, pois o projeto foi abandonado... a oportunidade da carona e a pressa do jovem em seguir viagem... As abençoadas vozes premonitórias...

*Querida mãezinha Gessi e querido papaizinho Celestino, Deus nos abençoe e nos proteja.*

*Assumi o compromisso de não chorar ao escrever-lhes e estou firme na resistência necessária em que os vejo, sem que me vejam, por leis que governam a tudo neste novo plano que passei compulsoriamente a habitar.*

*‘Não acreditem que eu tivesse sofrido fisicamente na hora em que o caminhão achou, involuntariamente, o meio*



de aproximar das rodas de nosso veículo, estabelecendo aquele desequilíbrio de que tiveram notícias exatas.

Uma pancada na cabeça me silenciou de tal modo que, um sono ou desmaio de longa duração se me apossou de todas as faculdades, obrigando-me a repousar numa inconsciência difícil de descrever.

Refletia na renovação do caminho que enfrentaria em Porto Velho, mas no íntimo uma voz insonora qual a onda do rádio desligado, me afirmava que o caminho seria a meta final para mim. Houve um momento em que essa voz se fez assim tão viva, que me lembrei de Jesus, que sofreu o martírio e a morte fora de casa, sob o céu azul que se tornou tempestuoso e escuro. Lembrei-me dele, o nosso Senhor e Mestre, recordando as orações da mamãe Gessi, quando batilhava para que eu compreendesse a importância da prece.

Com esses pensamentos vi que o caminhão se aproximava, acreditando o motorista, por certo, que tomaríamos diferente rumo, entretanto o choque de ambos os veículos foi fatal.

A princípio ainda escutei vozes em torno de mim, mas admito que a hemorragia interna me dominou a cabeça e de nada mais soube, como se um grande branco se fizesse em meu cérebro. Depois de algumas horas, acordei ao lado da senhora que se me fizera enfermeira voluntária. "Chame-me por Vó Gertrudes", disse ela, e ao notar-lhe o sorriso de bondade me senti mais seguro. A minha voz parecia de uma pessoa retardada, porque em vão tentei balbuciar frases de indagação e reconhecimento. Só mesmo à custa de tempo, consegui que as minhas cordas vocais fossem reavivadas ou revitalizadas, e pude falar vagarosamente.

Vim a saber que os pais queridos estavam desolados

em Monte Aprazível, e segui as preces da Vó Gertrudes pedindo a Jesus os confortassem, levantando-lhes o ânimo.

Poderão imaginar o que foi a minha provação em forma de surpresa. Chorei muito, ao modo de um menino habituado aos mimos domésticos, e minha querida Vó Gertrudes deixou que eu derramasse aquele pranto de saudade e de amor enquanto quisesse. Ao término da crise emocional que me tomou de assalto, perguntei por todos e pela nossa Cristina em particular, obtendo respostas consoladoras da Vó Gertrudes, que me ouviu com invejável paciência.

Os dias correram sobre os dias, embora para mim andassem lentamente. Quem é feliz não vê o tempo; entretanto para quem sofre como sofria, o tempo se assemelha a um relógio parado. Mas vencendo todos os obstáculos fui à nossa casa e pude ver a aflição e a tristeza que ali reinavam.

Já que estava com Vó Gertrudes, o meu único reconforto foi acompanhá-la nas preces, a fim de que a segurança do papai Celestino e as forças da Mãezinha Gessi voltassem a levantá-los do abatimento em que se encontravam.

Agora queridos pais, que lhes disse quase tudo com respeito às minhas pobres notícias, peço-lhes me desculpem se cometi alguns erros ao escrever-lhes, e agradeço quanto fizeram por mim e quanto fazem por nossa Cristina, que está igualmente em meu coração.

Mãezinha Gessi e meu paizinho Celestino abençoem-me, para que eu esteja mais seguro de mim próprio, e recebam com a nossa Cristina e todos os nossos, o abraço de amigo, reconhecidamente do filho e irmão que nunca os esquecerá e que lhes será constantemente reconhecido,

Antônio João  
Antônio João Beira.

### Notas e Identificações

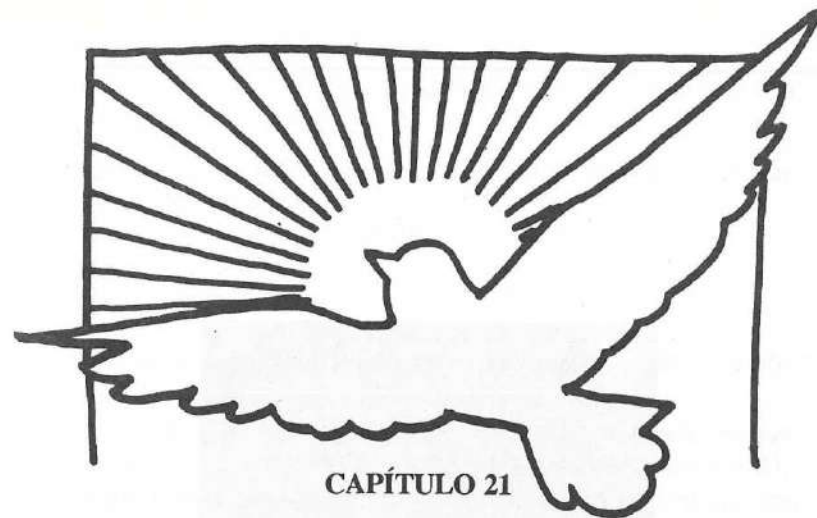
1 - *Mãezinha Gessi e papaizinho Celestino* – Casal Celestino Pampolin Beira e Gessi Aparecida Alvarenga Beira, residente à Rua Presidente Vargas, 829 - Monte Aprazível, SP. Pais adotivos desde os primeiros dias de vida de Antônio João. Chico Xavier informou-lhes que o jovem era um verdadeiro filho espiritual: “Ele foi encaminhado à sua mãe verdadeira.” De fato, sempre houve uma permuta de afeto muito grande no relacionamento pais-filho.

2 - *vó Gertrudes* – Avó de D<sup>a</sup> Gessi, desencarnada em 12/10/1963. Antônio João não a conheceu em vida material. Foi dedicada parteira, sempre humilde e caridosa.

3 - *só mesmo, à custa do tempo, consegui que as minhas cordas vocais fossem reavivadas* – Os órgãos do corpo espiritual também sofrem conseqüências do trauma do corpo físico, requerendo tratamento médico especializado.

4 - *nossa Cristina* – Gessi Cristina Beira, irmã.

5 - *Antônio João Beira* – Nasceu em José Bonifácio, SP, a 12/6/1969. A sua adoção trouxe grande alegria aos pais Celestino e Gessi, “porque antes dele chegar a nossa vida era triste e sem sentido.” Concluiu a 8<sup>a</sup> série na E.E.P.G. “Feliciano Sales Cunha”, de Monte Aprazível. Frequentava com os progenitores as reuniões do Centro Espírita “Apóstolo Paulo”. Já tinha lido *Nosso Lar* e outras obras doutrinárias, especialmente *O Evangelho*, de Kardec.



### CAPÍTULO 21

#### PROVAÇÕES COM VISTAS AO TERCEIRO MILÊNIO (O GRANDE NÚMERO DE DESENCARNAÇÕES NA JUVENTUDE)

Quando retornava ao seu lar, em São José do Rio Preto, SP, viajando a sós, procedente de São Paulo, Júnior sofreu um acidente fatal próximo à cidade de Araraquara, em 4 de janeiro de 1984, com o capotamento inexplicável de seu Chevette.

Era um jovem alegre, esportista e estudioso, prestes a cursar o terceiro Colegial, filho único do casal Luiz Roberto Estuqui e Alzira de Souza Ita Estuqui.

Suas cartas mediúnicas, ricas em esclarecimentos transmitidos pelo avô Diego e pelo tio Joãozinho, muito confortaram seus progenitores, e, por certo, beneficiarão a muitos irmãos que passam por provas semelhantes. Aliás, o próprio Júnior explica: “Trago-vos estes apontamentos porque o meu avô Diego Ita considera isso oportuno para muitas famílias, que perderam entes amados, nos primeiros tempos de juventude.”

Destacaremos, na Segunda Carta, a narrativa do tio Joãozinho com respeito ao seu acidente fatal, numa queda